

## Índice

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Prefácio: Geometria da Luz | 7  |
| Doidos e Amantes           | 13 |

*À memória de Maria Marcelina, bisneta do professor alienista  
Júlio de Matos que tem lugar neste romance.*

*Foi Maria Marcelina quem primeiro me falou de Maria Adelaide  
e da sua história.*

*Toda a obra escrita é a expressão dum conhecimento limitado.  
Mas todo o conhecimento limitado está aberto a novas particulari-  
dades, até que se apresente a súbita vontade de não ir mais longe.*

Agustina Bessa-Luís

## I

Um enterro no campo:

A tarde parecia vagarosa, como acontece às vezes em que acrescentamos às obrigações de todos os dias um dever que não sabemos qualificar. Neste caso, o enterro dum amigo. É muito difícil descrever uma amizade quando se tem tudo para a pôr de parte. Tudo, como a juventude, o futuro prometedor e a espécie de indústria cega que é o talento. Este tem qualquer coisa de desumano. Escorregamos dos dedos sem que se possa evitar o egoísmo que compõe a sua matéria e o seu uso. Ele não se adapta a qualquer conselho moral ou imoral. Apodera-se das nossas entranhas e deixa-as secas para tudo o que não seja a sua obra.

No entanto, eu tinha tido um amigo naquele homem que fazia da infelicidade um desporto da alma. A vida tinha-lhe oferecido ocasiões de sobrevivência além do normal. herdara um nome ilustre junto com uma casa nobre na província, donde, como ele dizia, a nação se fizera a golpes de espada antes de ser proclamada com os breves dos papas. No todo, ele dava uma impressão destemida e saudável, com a robusta arcada do peito e os olhos espelhando uma ira composta pela razão. Era um homem de letras e fazia disso uma profissão marcial. Tinha morrido do coração depois dum crepúsculo que lhe ensombrou a memória mas não a inteligência. Eu tinha nesse tempo um *Jaguar* de cor cinza, com estofos de couro vermelho e que brilhava entre o véu da chuva miudinha. Achei que ele era, no enterro, mais do que uma coroa de flores, uma homenagem de grande porte. Por entre a névoa, como uma espuma verde que baloiçava

no ar, via-se a casa junto ao rio Vez, de rosto liso e janelas de guilhotina. Interiormente disse-lhe adeus, sem a ter conhecido, ela estava impressa na minha ideia como um teatro conservado austera-mente como para receber pessoas da corte cujo luxo fosse o pudor do brasão. Lembrei-me do pequeno Teatro Real de Estocolmo, pobre de ornamentos, feito para fazer brilhar as jóias e os alamares, todo salpicado de lustres cujas velas tremiam com o vento que entrava por toda a parte. Um vento silencioso, que cantava. As viagens valem por esse pormenor cansado de ter durado e que nos impressiona pela intenção primitiva de pertencer a uma época que só por magia se compreende completamente.

Nada me cansa tanto como as cerimónias fúnebres, que são quase todas. Não cheguei a entrar no cemitério e perdi portanto o discurso patético dalgum amigo prestável para a homilia de despedida. Levantava-se uma tempestade do mar e as árvores vergavam já com um reclinar de folhas. Voavam alto e depois juntavam-se no chão ainda frescas do seu último Verão. Nesse momento, o morto foi abandonado ao seu coval com o gerar dum pequeno pânico. Apanhar chuva pareceu mais conforme a salvação das pessoas do que a cerimónia que deviam levar até ao fim. Um delito em comum é facilmente omisso. Eu disse para mim que ninguém me ia recriminar se ganhasse depressa o abrigo do automóvel, que, nesse tempo, era uma aparatoso *Jaguar* cinzento-prata com estofos de marroquim vermelho. Feito para homens de luxo e mulheres que o pretendiam ser.

Começou a chover a cântaros e o estalar dos pneus na água era confortável e seguro. A estrada tinha um encantamento como só o têm os caminhos do Minho, dum verde sombreado de muitas tonalidades. Um cão vagueava pela berma, de cabeça baixa e a cauda derreada e submissa. Pensei na matilha do Freirão, o amigo que tínhamos vindo a enterrar e, de repente, ele tornou-se tão presente como se o levássemos connosco. E se os mortos nunca se ausentassem de todo? Abri um pouco a janela, e um vento morno como um hálito entrou, trazendo um crepitar de folhas que se colava aos vidros. Quem era Francisco Freire, com o nome académico de Freirão das Forças?

Antes de mais, era um poeta. Mas um poeta-cronista, que os houve em relativa abundância na história de Portugal. Um poeta-

-cronista, como o foi Fernão Lopes, que amava e desamava através dos testemunhos que lhe pedia o poder. Fernão Lopes, como o Freirão, era um homem de boas e cruéis paixões. Nunca a este se lhe ouviu desprezar uma mulher, levantar-lhe calúnia e informar dos seus pecados.

— As mulheres não têm pecados — dizia. — Têm aparências. Ser e parecer são dois, como diz o ditado. As mulheres são duas, quando não são quatro.

Foi ele que me ensinou a teoria da metamorfose, uma constante das mulheres e dos tiranos. Depois falaremos disso, se vier ao caso.

O Freirão tinha-me posto ao corrente da história duma mulher a que ele chamava a Infanta e que causara no tempo dela um alvoroço de paixões que não tinham nada que ver com sentimentos recreativos como o amor. Ele não tinha conhecido a Infanta, mas somente um filho dela que casou com uma criada, destino de desiludidos ou de sábios distraídos, ou até de reis susceptíveis e com maus dentes. Para ele, a Infanta era um desses mitos de algibeira que abundam na sociedade, que a iluminam como uma candeia de azeite em dia claro. Não se dá por ela, mas existe, dá calor e, se se apagasse, acontecia alguma coisa de arrepiante e fatal: a emoção desaparecia.

A emoção, dizia Francisco Freire, era o melhor tesouro dos portugueses. A civilização terminava mais uma vez numa rede de dúvidas e espantos; mas a emoção resistia, entranhava-se, conduzia os homens a um estado de perdão que antecedia o prazer do crime.

— Há criaturas nascidas para fazer da emoção o guia perfeito do reino da Liberdade. Leia-se Goethe para melhores explicações.

— Dispensio as explicações. Quando elas são necessárias já não servem de nada — disse eu, de maneira modesta, para não o irritar. Digo mal. O Freirão nunca se irritaria comigo. Um caçador irrita-se com o meteorologista, não com uma mulher. Eu, de resto, não lhe dizia o que pensava. Como se me ouvisse, no silêncio das minhas cordas vocais, ele perguntou-me:

— O que está a pensar?

— Eu? Em nada... Mas já que quer saber, penso que não há remédio para uma pessoa como você.

— Não há salvação, quer dizer.

— Ou isso.

Era uma coisa bonita de se ver, o Freirão com a sua matilha de dez ou doze cães em vias de levantar a lebre e deixar nos campos um rasto na erva que parecia o rasto do Átila em movimento. Os lavradores odiavam-no, e ele tão arrogante e disposto a medir forças. Cada braço como um tronco de madeira, desses em que se enredaram os cabelos de Absalão. Eu ria-me. Gosto das pessoas francas e briguintas que me dispensam de o ser. Falei-lhe na Infanta, sua predilecta na história da corte, que era ainda a Lisboa do regime novo, a república. O Freirão era de suspenses. Deixava as coisas a meio, como acontecia muitas vezes não pondo remate às suas histórias senão com reticências. E como morreu dum AVC, como se diz agora, não percebi a notícia que ele me quis dar, com a senhora Bina e o abade Roque Pestana como guardadores dum segredo. Nada há que mais canse do que os segredos bem guardados. A Casa do Mar deixou de me interessar e com ela as quatro irmãs açafatas da rainha. Tudo ficou enterrado com Francisco Freire no dia em que o vento desfolhou as árvores da estrada de Viana. Eu lembrava-me doutra caçada de que o Freirão falava e que era a história de Maria Adelaide Coelho.

— Não sei se foi o nome que me pôs a caminho dessa intriga que parece um caramanchão de rosas bravas.

Não sei onde ele foi buscar aquela imagem, mas pertencia decerto à sua catadura de poeta. O Freirão continuou: — Não conhecia Maria Adelaide nem podia ter conhecido. Ela nasceu ainda o país era reino e o senhor D. Carlos ia caçar para Vidago. Era um homem demasiado inteligente para rei. Os reis e os poetas não devem ser inteligentes.

— Essa agora! E Camões? E Pessoa?

— Justamente.

— Justamente, o quê?

— Camões devia ser um bandidola como o François Villon e Pessoa era mau poeta.

— E você, doutor?

— Se me chama doutor, já diz tudo.

E tomou um ar petulante e escarninho que lhe ficava a matar. Por acaso não falou no Régio, que era o seu inimigo privado desde os tempos da faculdade, em Coimbra. Era o tipo de inimigo de quem

se gosta pelas virtudes que moderam o desprezo. Um bom inimigo (e deploro quem não os tem) não deve ser desprezível, apenas odioso. Senão rebaixa os nossos sentimentos vingativos, fantasiosos e desesperados. — Mas quer ou não saber quem era Maria Adelaide?

— Não quero outra coisa. Parece-me uma mulher extraordinária.

— Como você se engana! De extraordinário não tinha nada. Era pequenina, o género da formiga da fábula, sempre a traquinar e a trazer para o ninho montes de coisas para assegurar o Inverno confortável. Andava sempre a comprar loiça para oferecer e para decorar a casa, à inglesa, como ela aprendera com a *miss* que a informara da mística duma *lady*.

— Era bonita?

— Bonita mas apagada. Uma cara para pérolas e flores no ombro. Acontecia como com Montaigne: se não estivesse a cavalo, tomavam-no por um criado de pouco mais ou menos. Desses que abrem e fecham as portas para passarem os tabuleiros. A Maria Adelaide não andava a cavalo, tinha um carro alto onde ela podia dançar se quisesse; e um *chauffeur* que era um bom rapaz da serra e que estava convencido de que ela era uma condessa. Eu pus-lhe o nome de Infanta.

— Você põe nomes a toda a gente.

— Bom, é verdade. Só nos baptizam bem depois dos trinta anos. Maria Adelaide tinha cinquenta quando tudo começou. Se a vida começa aos quarenta quando se trata dum homem, no caso duma mulher nunca se sabe. — Ficou pensativo e depois disse: — O trabalho que me deu essa mulher para descobrir-lhe a alma ou qualquer coisa como isso. Virei Lisboa do avesso para encontrar-lhe o rosto. Havia ainda quem a amasse, acredita nisso? Havia quem, depois de ela ter morrido, velha e esquecida, fosse capaz de matar por ela.

— Quem?

— Não sei quem, mas havia. Quando se fez um filme sobre a vida dela, alguém fez ameaças sem se dar a conhecer. Ainda despertava paixões, possivelmente sem a terem visto nunca. Penso que ela era realmente doida e influía na razão dos outros. Conhece aquilo de que o crime é um conceito jurídico e não um conceito moral? Penso que ela era absolutamente má e que o sabia. Não tinha nada para dar à criação, não amava nada no mundo. Isso explicava muita coisa.